

PAULINO, Rogério Lopes da Silva. CARVALHO, Tereza Bruzzi de. **E se aqui gente morasse? Teatro, cidade histórica e patrimônio cultural em Tiradentes (MG)**. Tiradentes: Campus Cultural UFMG em Tiradentes/Diretoria de Ação Cultural. Teatro Universitário da UFMG; professor EBTT.

RESUMO

Este artigo abordará temáticas que tem se tornado cada vez mais presentes no processo de criação das intervenções Os Floristas e Dona Juta que resultam do projeto "Aqui nesta casa chega - Residência Teatral na Cidade de Tiradentes. Abordando a relação entre a cidade, o patrimônio cultural e o turismo, a partir de uma perspectiva teatral. Num contexto delicado em que salta aos olhos o fato de que o Centro Histórico fora tomado pelas atividades ligadas ao turismo que, por um lado, foi responsável pela revitalização da cidade, por outro, acabou fazendo com que os moradores nativos fossem cada vez mais levados para habitações localizadas na periferia da cidade. Como criar um trabalho teatral que consiga promover a ponte entre estas duas realidades de maneira a problematizar as noções de pertencimento tão abaladas pelo processo de gentrificação é a questão central a ser abordada. As referências para tratar a relação do teatro e a cidade virão do diálogo com as manifestações tradicionais da cultura popular brasileira, que percebem a rua e os espaços públicos não apenas como locais de apresentação, mas como espaços de convivência, ocupados das mais variadas formas. Também serão extraídas as referências dos fazeres tradicionais, que ainda existem nos arredores, como forma de valorizar essas manifestações e também reforçar o pertencimento desse grupo hoje em desconforto com a cidade vista como pano de fundo para festivais e festas. Propondo um teatro que aconteça junto à cidade, sem que seja preciso fechar ruas ou montar palcos, uma vez que a rua e os demais espaços públicos e privados serão convertidos em locais de experimentação criativa.

Palavras-chave: Intervenção teatral. Gentrificação. Patrimônio cultural. Teatro de rua.

ABSTRACT

This article will address the mess that have become increasingly present in the process of creating interventions. The Florists and Dona Juta, that result from the project "Here in this house arrives: Theatre Residence in the City of Tiradentes. Addressing the relationship between the city, the patrimony cultural and tourism, from a theatrical perspective. In a delicate context in which the fact that the historical center was taken over by activities linked to tourism, which of the one hand, was responsible for their vitalization of the city, on the other, end up causing the native inhabitants to be taken more and more for housing

located on the outskirts of the city. How to create a theatrical work that can promote the bridge between these two realities in order to problematize the notions of belongings shaken by the process of gentrification is the central question to be addressed. The references to address the relationship between theater and the city will come from the dialogue with the traditional manifestations of Brazilian popular culture, which perceive the street and public spaces not only as places of presentation but as spaces of coexistence, occupied in the most varied forms. Also will be extracted the references of the traditional practices that still exist in the surroundings, as a way to value these manifestations and also reinforce the group's belonging today in discomfort with the city seen as the backdrop for festivals and festivals. Proposing a theatre that happens next to the city, without having to close streets or set upstages, once the street and other public and private spaces will be converted into places of creative experimentation.

Keywords: Theatrical intervention. Gentrification. Cultural heritage. Street theatre.

E Se Aqui Gente Morasse? Teatro, Cidade Histórica e Patrimônio Cultural em Tiradentes (MG)

Este artigo pretende abordar o processo de criação das intervenções teatrais “Os Floristas” e “Dona Juta”, que resultaram do projeto “Aqui Nesta Casa Chega: Residência Teatral na Cidade de Tiradentes”, iniciado em agosto de 2018 por meio da Diretoria de Ação Cultural da UFMG e realizado pelo Teatro&Cidade – Núcleo de Pesquisa Cênica do Teatro Universitário. As atividades deste projeto foram desenvolvidas no Campus Cultural UFMG em Tiradentes, Minas Gerais, durante o segundo semestre de 2018, como uma residência docente do professor Rogério Lopes em parceria com a professora Tereza Bruzzi, que esteve envolvida na concepção estética do espetáculo.

Como a UFMG é responsável em Tiradentes pelo Museu Casa Padre Toledo, a Casa de Cultura e o Sobrado Quatro cantos, inicialmente nossa proposta foi verificar que histórias contariam estas casas e de que maneira estes imóveis centenários conversariam com a comunidade ao seu redor, enquanto equipamentos culturais. Contudo, quando nos deparamos com o Centro Histórico de Tiradentes e seu casario do século XVIII, logo saltou aos olhos o fato da maior parte das edificações estarem ocupadas pelos mais diversos estabelecimentos comerciais lojas, restaurantes e pousadas.

Atualmente, em torno de 80 % destes imóveis não pertencem mais a tiradentinos, que vivem em bairros da periferia da cidade. Isso faz com que fora os períodos de feriados e finais de semana, o Centro Histórico fique, em alguns horários, completamente deserto, já que em suas ruas o que mais encontramos são os turistas. Os seja, ao entrarmos em contato com a realidade local de Tiradentes encontramos um Centro Histórico tomado pelas atividades ligadas ao turismo, que se por um lado, garantiram a revitalização arquitetônica da cidade, por outro, acabaram fazendo com que os moradores nativos fossem cada vez mais levados para habitações localizadas na periferia da mesma.

A questão: “e se aqui gente morasse?” foi o ponto de partida para pensarmos como teatralmente poderíamos dialogar com essa realidade peculiar do Centro Histórico de Tiradentes sem perder de vista possíveis aspectos de uma vivência da cidade mais ampla. Para além de ser um lindo cenário para fotografias e um dos melhores exemplos de conservação do patrimônio arquitetônico cultural brasileiro, existe uma outra Tiradentes constituída pelos diversos bairros que circundam a área protegida - tombada pelo IPHAN - que nos interessava dialogar. A partir deste momento resolvemos retirar nosso foco dos imóveis históricos sob a responsabilidade da UFMG e passamos estabelecer pontes possíveis entre os diversos atores ali presentes, ou seja, os tiradentinos, extra-tiradentinos e turistas.

A primeira constatação foi a de que seria importante, se quiséssemos mesmo construir algo que atingisse também os tiradentinos, que fôssemos atuar nos outros bairros da cidade, uma vez que os tiradentinos não utilizam frequentemente o Centro Histórico para o seu próprio lazer, sendo mais comum estarem ali apenas para trabalhar em algum dos vários estabelecimentos comerciais. Por isso, a construção de intervenções que pudessem conectar estes espaços: o Centro Histórico e os bairros do entorno, passou ser nossa prioridade.

Em função disso, utilizamos duas estratégias: a realização do processo de criação aberto, tomando as ruas e praças como espaço de experimentação e a busca de materiais da região para a criação de figurinos, máscaras e adereços. O fato do processo de criação ter se dado na rua foi uma das maneiras de favorecer a relação com a cidade, pois fez com que a população

local pudesse ter contato com os criadores desde o início, já que a maior parte dos ensaios fora realizada nas ruas dos diferentes bairros de Tiradentes. A busca por materiais da região, nos fez voltar os olhos para o artesanato, percebido como um ponto de interseção entre os turistas e os tiradentinos. Por meio do artesanato, o turista pode não só ter contato com o potencial criativo dos artesãos, como acabam por levar consigo parte deste universo local, ao adquirir uma das peças das mais variadas lojas espalhadas pela cidade. A valorização do artesanato e do conhecimento tradicional implicado na produção deste importante elemento da cultura local nos pareceu uma forma reforçar o sentido de pertencimento dos moradores. Sendo estas as duas formas encontradas pela equipe de criação para abordar a relação entre cidade, o patrimônio cultural e o turismo, a partir de uma perspectiva teatral, as quais passaremos a abordar a seguir.

O Espaço Público Como Local de Convivência e Criação

Tomar o espaço público como local de criação é uma tarefa que implica primeiramente compreender as dinâmicas de cada localidade. Para isso é preciso que haja todo um cuidado na maneira como os atores e demais integrantes da equipe técnica vão interagir com a população local e o espaço urbano. Uma atitude atenta e respeitosa com os hábitos e costumes locais é fundamental para que não haja uma sensação por partes dos moradores de que a ação cênica seja invasiva, afinal trata-se da inserção de um grupo de pessoas até então estranhas naquela vizinhança. Por outro lado, a ideia é tentar fazer com que os atores não tenham uma necessidade de chamar a atenção para si, buscando apoiar suas ações apenas numa relação com o público. Os atores precisam construir uma existência teatral, um roteiro de ações em que cada um deles consiga se sustentar sem utilizar as pessoas ao redor como muleta. Então, eles precisavam construir uma existência cênica própria a partir dos elementos ficcionais que serão propostas a partir de uma compreensão da realidade local. As pessoas que estão trafegando pela cidade vão optar se querem ou não entrar em contato, mas a abordagem inicial nunca será dos atores.

A expectativa do Teatro&Cidade ao propor suas ações é de que elas passem a ser um dos elementos integrantes do cotidiano local e não sejam percebidas apenas como uma apresentação pontual. Assim, os atores são levados a estar nas ruas e praças desde o início do processo, realizando simples caminhadas até experimentos criativos mais elaborados. Estas experimentações tendem a ocorrer de maneira dispersa pelos diversos espaços da cidade, sem que haja a intenção de estabelecer uma relação de palco e platéia, nem muito menos transformar a cidade num palco. A cidade é ela mesma, sendo a ação teatral mais um dos elementos que passam a compô-la. Assim como há o trânsito e as pessoas que passam com os mais diferentes objetivos, há também algumas pessoas fazendo teatro. Essa perspectiva está fortemente relacionada com as manifestações tradicionais da cultura popular, em especial às Folias de Reis.

Neste caso, não estamos nos referindo aos elementos externos que caracterizam estas manifestações como o figurino de chita, por mais que eles tenham a sua potência, mas sim à maneira dos foliões pensarem, a maneira deles agirem no espaço, a maneira que eles se relacionam com o espaço em que vivem, a maneira deles conviverem. São esses elementos com os quais dialogamos. Numa Folia de Reis as dimensões da convivência, do estar junto, do atuar estão misturadas, não existe uma separação entre elas. E principalmente, esse gosto por atuar na rua, passando de casa em casa, cantando pelas ruas, interagindo com o que estão acontecendo ali naquele momento, com o espaço da cidade como um todo.

Outro aspecto do trabalho proposto pelo Teatro&Cidade e que tem forte correlação com as manifestações tradicionais da cultura popular brasileira é o fato dos atores não ficarem muito tempo em sala de ensaio. No caso deste projeto de Tiradentes, além de alguns elementos técnicos de atuação específicos e da confecção de máscaras e figurinos, o restante do processo foi todo construído pelas ruas da cidade. Essa forma de trabalhar aumenta a possibilidade de contato com as pessoas, com o público. Os moradores, transeuntes, comerciantes e turistas acompanharam desde as ações mais simples até chegar às mais elaboradas. Isso é interessante porque as pessoas conseguem acompanhar a evolução do trabalho e gera, para quem convive naquele lugar, uma ressignificação do espaço e do uso dele a partir da

presença dos atores, já que eles passam a ser, não só pessoas que estão se apresentando ali, mas também passam a conviver naquele espaço. Passam a fazer parte dele. Essa frequente ocupação dos espaços da cidade faz com que, como aconteceu em Tiradentes, o trabalho passe a ser comentado pelas pessoas que querem saber o que é, opinam na criação. Enfim, acolhem o trabalho como parte do cotidiano e, por vezes, relatam a saudade que poderão sentir quando o trabalho for finalizado, principalmente aqueles que já se acostumaram com a rotina de trabalho dos atores, mas que afinal têm consciência de que é uma convivência provisória, mesmo que num tempo suficiente para criar alguns vínculos.

Outro aspecto importante deste tipo de trabalho é que não é preciso reservar um espaço ou pedir autorização para fechar ruas. Reivindicamos uma possibilidade de estar na cidade, de um jeito bastante peculiar que é a partir da criação cênica. Quando estamos em trabalho na rua, se vier um policial ou um agente público perguntando: “Você tem autorização?” Respondemos: “Autorização para que? Para caminharmos pra lá e pra cá pela cidade?” Já que nós não montamos nenhuma estrutura de cenário, de luz ou de som, não chega a configurar a necessidade por alguma autorização. O interesse é problematizar exatamente essa relação de uso do espaço público. Tanto que não há necessidade de reservar rua alguma porque nossa ação se constrói numa outra relação com a cidade, que é a de recuperar o espaço público como espaço de convivência. A ação cênica se dá no cotidiano, integrando-se ao fluxo da cidade, seja para contrapor ou reforçar relações as mais diversas.

Em Tiradentes nossa primeira ação fora caminhar livremente pela cidade ainda sem máscaras. Logo era possível perceber como mesmo sem fazer qualquer esforço chamávamos a atenção apenas por estarmos caminhando em silêncio, sem fazer mais nada, mesmo sendo um grupo pequeno formado por cinco pessoas. A cada caminhada, tarefas específicas eram estabelecidas, como, por exemplo, caminhar apenas olhando para o chão, caminhar olhando acima da linha do horizonte, caminhar anotando tudo que for possível ouvir ou ler pela cidade. Este exercício de escuta e anotação de frases aleatórias gerou o material básico para construção de uma das intervenções, a Dona Juta, que abordaremos novamente a frente.

Enquanto percorríamos os bairros tentando entender suas especificidades, também percebemos que era comum encontrarmos pequenas oficinas ou lojinhas dos mais diferentes tipos de artesanato, seja em madeira, ferro, lata, tecido, cestaria, cabaça, etc. Foi por isso que nos ocorreu a ideia de focar no artesanato como base para criação. Mas de que maneira isso se daria?

Artesanato Como Fio Condutor

O artesanato para muitas cidades do interior do Brasil tem historicamente papel de destaque, seja como fonte de renda ou como fortalecimento da cultura e identidades locais. Se em alguns contextos pode sofrer certa pasteurização e ter seu sentido esvaziado em função de demandas mercadológicas, em outras situações, a produção artesanal pode se apresentar como locus de manutenção de técnicas e conhecimentos muitas vezes ancestrais. Como é o caso da tecelagem encontrada em Tiradentes e nas cidades ao seu redor, notadamente em Resende Costa.

A tecelagem manual fora no século XIX uma importante atividade econômica de Tiradentes e região, mantendo-se presente na economia local. De acordo com ÁVILA (1977, p.29):

A fiação e a tecelagem estão entre as mais tradicionais dessas atividades, porquanto apesar das proibições do governo português, a confecção doméstica de tecidos grossos de algodão e lã, em teares de madeira, era comum na época ainda da mineração. A própria natureza do trabalho minerador, absorvendo preferencialmente a mão de obra masculina, deixava para a mulher livre ou escrava uma larga faixa de atuação produtiva, rentável ou de mero atendimento às necessidades familiares, que incluiria naturalmente o fabrico artesanal primário de panos e vestimentas. (...) Um censo de 1831 indicaria logo depois a existência de cerca de 200 fiandeiras e tecedeiras e 44 costureiras de profissão declarada na atual cidade de Tiradentes, que chegaria a possuir em 1864 setenta teares com produção de 30.000 varas de panos.

A cestaria, que guarda forte influência indígena e a fibra de juta, frequentemente utilizada no artesanato da cidade também nos chamaram a atenção. Sendo que escolhemos estes três elementos, dentre os inúmeros

itens do artesanato desta região, como material de trabalho criativo para a produção de “Os Floristas” e “Dona Juta”.

Criadas em parceria com o Barração UFMG, núcleo de pesquisa em cenografia e outras práticas cênicas espaciais, estas intervenções partem da pesquisa destes produtos artesanais, promovendo o deslocamento do seu uso original, ao transformar colchas em indumentária e a fibra de juta e a cestaria em máscaras. Na teoria, há sempre no artesanato a noção ou não da decoração quando ligado ao design e o vínculo ou não a arte. É uma dialética sutil com senso de continuidade e renovação. Há sempre naquele excesso, algum que sairá da repetição e vai criar para além da tradição. Esses objetos advindos do artesanato, numa ótica contemporânea são, segundo FROTA (2001), frutos de indivíduos e sua cultura. Nesse aspecto, o artesanato escapa ao condicionamento de seu contexto cultural ou de um grupo social específico. Por isso, que somado a estes elementos de características bem locais juntaram-se paninhos de bandeja portugueses, porta-copos mexicanos e aventais ingleses - coletados pelo grupo em viagens - que ajudaram a compor uma caracterização que coloca em diálogo elementos do artesanato regional e internacional.

A ideia de residência teatral, como proposta nos projetos realizados pelo Teatro&Cidade, implica na criação de estratégias de convivência na cidade mediadas por recursos cênicos, mais especificamente por meio do uso de máscaras. Podem ser utilizadas máscaras dos mais diversos tipos, desde máscaras da tradição teatral, passando pelas máscaras populares até o que aconteceu em Tiradentes, quando o grupo começa a experimentar outras possibilidades de mascaramento. Foi assim que cestos artesanais e a fibra de juta que costumam ter fins meramente utilitários foram transformados em máscaras e geraram as intervenções os Floristas e Dona Juta.

O recurso do mascaramento, assim como em outros trabalhos também criados pelo Teatro&Cidade, nos permite experimentar no processo criativo um princípio bem simples, mas muito potente para desenvolver o que chamamos de residência teatral, que é a inserção de elementos ficcionais no cotidiano. Assim nascem os Florista. Embalados por acordes de sanfona que se misturam aos sons de inúmeros pássaros bem característicos de Tiradentes, eles passeiam delicadamente pelas ruas e praças da cidade criando os mais

diferentes arranjos de cores e de formas. O fato destas figuras mascaradas não falarem e nem procurarem estabelecer qualquer tipo de comunicação com as pessoas ao redor, apenas caminhando numa deriva pela cidade, incita a curiosidade de todos que passavam a fabular hipóteses diversas para a existência daqueles mascarados, gerando uma atmosfera de encantamento no local.

Os Floristas – Bairro da Santíssima – Tiradentes(MG)



Foto: Tina Horta

No caso da intervenção Dona Juta, a proposta foi testar o que aconteceria se os bonecos de juta de tamanho humano que existem em frente a algumas lojas da cidade ganhassem vida e saíssem andando pela cidade. E foi assim que foram confeccionados figurinos e máscaras a partir da fibra de juta, bastante utilizada no artesanato local, e que nos permitiu proporcionar esse jogo lúdico para os moradores tanto dos bairros como os Turistas do centro histórico. Por vezes, sejam adultos ou crianças se assustavam ao perceber que aquelas figuras que antes apareciam imóveis em alguns lugares da cidade, também se moviam e executavam ações. Formando um conjunto imagético pela cidade, estas figuras diziam as frases captadas pelos atores nos

exercícios de escutas feitos no início do processo. Esse conjunto de frases aleatórias permitia montar um quadro fragmentado de temas percebidos no cotidiano da cidade, sem a constituição de um discurso linear. O que acabava provocando o riso das pessoas que assistiam, uma vez que Dona Juta brinca desembestada pela cidade, dando notícia de tudo que se passa ao seu redor de maneira tão absurda quanto a realidade que nos cerca.

E aqui é importante ressaltar que uma das referências para desenvolver processos criativos como esses vem das estratégias de composição dos autores do chamado realismo fantástico, como García Márquez, Griselda Gambaro, Julio Cortázar; justamente porque estes autores, ou inserem elementos ficcionais no cotidiano ou buscam perceber o que há de surreal, de fantástico na realidade que nos cerca. Então quando as intervenções estão acontecendo é nosso interesse deixar com que as pessoas que estejam ao redor não saibam exatamente o que está se dando ali. É teatro ou não é? É comum as pessoas relacionarem com alguma manifestação ou algo religioso.

Dona Juta – Bairro do Cuibá – Tiradentes (MG)



Foto: Rogério Lopes

Conclusão

Assim, no processo de criação das intervenções “Os Floristas” e “Dona Juta” propusemos o deslocamento do conceito de patrimônio histórico, bem como o fazer teatral convencional, aproximando-os de uma ideia de patrimônio cultural que aproxima: o ser humano, o espaço e as vivências.

O fato do processo de criação ter se dado na rua foi outra maneira de favorecer a relação com a cidade, pois fez com que a população local pudesse ter contato com os criadores desde o início, já que a maior parte dos ensaios fora realizada nas ruas dos diferentes bairros de Tiradentes. Propondo um teatro que aconteça junto à cidade, sem que seja preciso fechar ruas ou montar palcos, uma vez que a rua e os demais espaços públicos e privados, como a residência de moradores e estabelecimentos locais foram convertidos pelos atores em espaços de experimentação criativa, com participação da comunidade.

Isso fez com que “Os Floristas” e “Dona Juta” sejam intervenções que dialoguem com um espectro de público amplo, atingindo desde crianças a adultos, numa articulação entre os visuais coloridos dos figurinos com a musicalidade da sanfona e de pequenos objetos percussivos, viabilizando sua adaptação para os mais variados espaços de diferentes cidades.

Agora, na temporada de estreia, serão distribuídos cartões postais em que os personagens das intervenções aparecem fotografados nos mais diversos bairros da cidade buscando valorizar e dar a conhecer outros aspectos e paisagens de Tiradentes pouco conhecidos pelos turistas. Também esperamos que esta ação tenha um efeito positivo na autoestima dos moradores, uma vez que procura dar relevância ao seu local de moradia, tomando-o como cartão postal, além de chamar atenção para que as pessoas busquem vivenciar Tiradentes como um todo e não apenas a partir do Centro Histórico.

Referências

AVILA, Affonso Celso *et al.* **Micro-região dos campos das vertentes**. Estudo preliminar e diretrizes de desenvolvimento. v. 1. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1977.

FROTA, Lélia C. O grande mar do ser e as artes liminares. In: **Arte Popular de Pernambuco**, curadoria Janete Costa, Catálogo da Exposição, 2001.